



APROVADA

NA 581

a. Sessão

ALADI/CR/Ata 572
(Extraordinária)
15 de agosto de 1995
Hora: 12h 05 m às 13h

ORDEM DO DIA

O Comité de Representantes recebe a visita do Senhor Presidente da Federação Latino-Americana de Bancos, Hernán Sommerville.

Preside:

GUILLERMO DEL SOLAR ROJAS

Assistem: Gustavo Adolfo Moreno e Flaviano Gabriel Forte (Argentina), Antonio Céspedes (Bolívia), José Arturo Denot Medeiros e Guilherme de Aguiar Patriota (Brasil), Henry Javier Arcos (Colômbia), Augusto Bermúdez Arancibia e Leopoldo Durán Valdez (Chile), Eduardo Cabezas Molina (Equador), Rogelio Granguillhome e Dora Rodríguez Romero (México), Alfredo Núñez (Paraguai), Guillermo del Solar Rojas e Efraim Saavedra Barrera (Peru), Eduardo Penela Ríos e José Roberto Muñelo (Uruguai), Antonio Rangel (Venezuela), Carlos Alberto Prera Flores (Guatemala).

Secretário-Geral: Antonio J. C. Antunes.

Secretário-Geral Adjunto: Juan Francisco Rojas.

Secretário-Geral Adjunto: Isaac Maidana Quisbert.

Sebastião Cunha, Diretor da FELABAN, e convidados especiais.

PRESIDENTE. Inicia-se a 572a. sessão extraordinária do Comitê de Representantes para receber a visita do Senhor Doutor Hernán Sommerville, Presidente da Federação Latino-Americana de Bancos.

Ilustríssimo Doutor Hernán Sommerville, Senhores Representantes junto à ALADI, Senhores membros da FELABAN, Senhor Secretário-Geral, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, Senhores Observadores, senhoras e senhores, em nome do Comitê de Representantes e no meu próprio tenho a grande satisfação de receber nesta sede a visita de uma importante delegação dos bancos comerciais latino-americanos, encabeçada pelo Senhor Presidente do Comitê diretivo da FELABAN, Doutor Hernán Sommerville.

Coincidindo com as comemorações do XV Aniversário da subscrição do Tratado de Montevideu 1980, a presença da Federação Latino-Americana de Bancos, que igualmente celebra 30 anos de sua criação, tem uma elevada significação. As instituições que a integram têm acompanhado e participado do processo de integração regional, praticamente desde suas origens, constituindo-se em intermediárias básicas dos pagamentos intra-regionais e do crédito aos agentes econômicos dos países participantes.

Essa participação, concretizada principalmente através de sua operação no Convênio de Pagamentos e Créditos Recíprocos da ALADI, permitiu, ao mesmo tempo, um fortalecimento dos bancos comerciais regionais, um entrelaçamento de interesses e um maior conhecimento recíproco entre as instituições bancárias. Isso redundou em uma crescente especialização e sofisticação de suas operações e também em um veículo de transmissão e atualização da tecnologia bancária nos países-membros.

No atual estado de avanço e dinamismo do sistema de integração latino-americano, caracterizado por uma ampla trama de relações sub-regionais ou parciais, que está sendo aprofundada entre os países-membros, a participação dos bancos comerciais por si mesma e através das vantagens que proporciona o Convênio de Pagamentos a suas operações, pode constituir transcendente elemento de apoio dentro do processo de convergência, partindo de sua própria e crescente regionalização e internacionalização.

Por um lado, por suas estreitas relações interbancárias, sustentadas em acordos de correspondência ou de cooperação e associação regional, que lhe permitem coparticipar em diferentes formas de canalização de fundos, transcendendo sua órbita nacional. Por outro lado, por ser uma via apropriada de canalização de recursos disponíveis em instituições financeiras regionais e sub-regionais como BID, BLADE, CAF, FLAR e FONPLATA, bem como em outras entidades financeiras internacionais que se valem de sua capacidade creditícia, de suas condições operativas, de sua experiência e de suas relações regionais e internacionais. Sobre essas bases, a participação dos bancos latino-americanos em um processo de convergência dos acordos de integração sub-regionais

ou parciais celebrados no âmbito da ALADI aparece como um vínculo regional comum de transcendente significação para apoiar as sucessivas inter-relações que serão aprofundadas no caminho à procurada multilateralização do processo.

Finalmente, complementando o mencionado, cabe manifestar que a globalização da atividade financeira determinou o aparecimento de novos produtos e transações financeiras cuja utilização por parte dos bancos comerciais poderia ser útil para favorecer o comércio e o desenvolvimento regional. Para aproveitar estas possibilidades seria conveniente estabelecer formas mais diretas de colaboração e consulta entre os bancos comerciais e os bancos centrais. Nesse sentido, na última reunião da Comissão Assessora de Assuntos Financeiros e Monetários houve substantivos avanços. Esta vinculação poderia ser aperfeiçoada no futuro próximo, através da consideração de eventuais modificações ao Sistema de Pagamentos da ALADI, que o tornem mais atrativo e útil em apoio à integração econômica regional.

Em resumo e concluindo, apraz-me ter a oportunidade de felicitar a FELABAN por seus primeiros 30 anos de vida e reconhecer a importância de sua atividade e das instituições bancárias e sua necessidade para o processo de integração econômica necessários. Ao mesmo tempo desejo, em nome do Comitê de Representantes, exortá-la para continuar colaborando com esta Associação em uma época em que se observa com otimismo, mas que ainda está sujeita a riscos e desafios que sofre permanentemente a vida econômica internacional. Muito obrigado por sua presença entre nós.

Tem a palavra o Senhor Secretário-Geral.

SECRETARIO-GERAL. Obrigado, Senhor Presidente.

Ilustríssimo Senhor Hernán Sommerville, Excelentíssimo Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Excelentíssimos Senhores Representantes dos países-membros, Excelentíssimos Senhores Representantes dos países Observadores, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, senhores convidados, membros da FELABAN, senhoras e senhores, é particularmente grato para esta Secretaria-Geral expressar as mais cordiais saudações à significativa presença dos altos representantes da Federação Latino-Americana de Bancos, o Senhor Presidente, Hernán Sommerville, e o Diretor Sebastião Cunha.

A ALADI está comemorando o XV aniversário do Tratado de Montevideu 1980 em um momento de particular intensificação e aprofundamento de seu processo de integração, no qual, sem lugar a dúvidas, os aspectos financeiros e a participação dos bancos comerciais assumem particular importância.

Senhor Presidente da FELABAN, Vossa Senhoria vem a esta casa para expor as avaliações e sugestões dos bancos comerciais pertinentes ao processo de integração, do qual são Vossas Senhorias um componente vital.

Nos últimos cinco anos, desses quinze que agora comemoramos, a integração se dinamizou através do desenvolvimento do MERCOSUL, da renovação do processo do Grupo Andino, da proliferação dos acordos parciais, como o G3, constituído pela Colômbia, Venezuela e México, os acordos bilaterais do Chile com a Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia, e do México com a Bolívia.

Esses e outros acordos, e o programa de ação desta Associação, demonstram que a integração está sendo tratada em todos seus aspectos: econômicos, sociais, culturais, científicos e tecnológicos. Além disso, por iniciativa dos países, ao constituir-se este entrelaçamento de acordos, e pelas negociações em andamento entre os países do MERCOSUL, Grupo Andino, Chile e México, estamos vivendo um processo de articulação e convergência que permite estabelecer o livre comércio para a quase totalidade do universo tarifário para depois de 2005, para pouco depois de 2005.

A integração nesta Casa, Senhor Presidente da FELEBAN, assume projeções que extrapolam o âmbito dos próprios países-membros.

Efetivamente, aqui se encara este processo em três níveis que caminham paralelamente e que respeitam os compromissos e a dinâmica de cada um deles, a saber: o nível da articulação e convergência dos acordos entre os países da ALADI, a busca de articulação e convergência com os países centro-americanos e caribenhos, de conformidade com o disposto no Tratado de Montevideu 1980, e as instâncias preparatórias para as negociações de conformação da área de livre comércio das Américas, meta estabelecida pela Reunião de Cúpula das Américas de Miami.

Além disso, Senhor Presidente da FELABAN, estamos vivendo também uma realidade de mercado intra-regional de grande significação quantitativa e qualitativa.

As exportações entre os países da ALADI alcançam 28 bilhões de dólares e representam 17% das exportações totais dos países da ALADI; vão crescendo a taxas espectaculares e têm alto conteúdo de manufaturas, em contraste com o conteúdo de bens primários de nossas exportações para os países desenvolvidos.

Esta mudança de maior transcendência que se está vivendo neste processo é a mudança de estratégia empresarial, na qual se passou para uma expansão transfronteiriça de comércio e de investimentos das empresas genuinamente nacionais. Esse é o fenômeno que Vossa Senhoria conhece muito bem.

Infelizmente, as cifras disponíveis ainda não são suficientes. Um recente estudo desta Secretaria estimou que a participação dos países da ALADI como destino das correntes anuais de investimento estrangeiro direto, produtivo e mundial, foi de 5,4%, no ano de 90, 11%, no ano de 93, e 12% no ano de 94. Portanto, participações crescentes.

Por outro lado, considerou-se também que os investimentos diretos produtivos entre os países da ALADI em relação ao total dos investimentos recebidos por estes países foram de 07% em 90, 1,5% em 92 e 3,0% em 93; em 93, sabendo que em 94 essa proporção continua crescendo. Surge, portanto, senhores altos representantes da FELABAN, um grande desafio para os bancos comerciais de participar deste redescobrimento da América Latina, desta vez pelos próprios latino-americanos.

Sabem, os senhores, dos desafios que enfrentamos no terreno do financiamento, do desenvolvimento econômico e social, desafios que têm a ver com a formação e canalização da poupança interna, diminuição da vulnerabilidade à volatilidade dos capitais internos e, logicamente, a estabilidade macro-econômica dos países.

Sabemos, senhores altos representantes da FELABAN, que a integração é muito sensível aos problemas financeiros e temos vivido duramente esta relação no passado. Portanto, é com a máxima atenção que escutaremos sobre a situação em perspectiva dos bancos comerciais na região, porque esta Associação toma como ponto de maior importância a participação dos atores econômicos e sociais no processo de integração, sem o qual qualquer proposta ficaria vazia de verdadeiro conteúdo e viabilidade. Muito obrigado.

PRESIDENTE. Obrigado, Senhor Secretário-Geral.

Ofereço a palavra ao Ilustríssimo Doutor Hernán Somerville, Presidente da Federação Latino-Americana de Bancos.

Tem a palavra o Senhor Sommerville.

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO LATINO-AMERICANA DE BANCOS (FELABAN) (Hernán Sommerville). Obrigado.

Bom dia, Excelentíssimo Senhor Presidente do Comitê de Representantes, Embaixador Guillermo del Solar Rojas, Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral da ALADI, Engenheiro Antonio Antunes, Excelentíssimos Senhores Representantes dos países-membros, Excelentíssimos Senhores Representantes dos países Observadores, Senhores Secretários-Gerais Adjuntos, senhoras e senhores, em primeiro lugar e em representação da Diretoria da FELABAN, quero agradecer muito sinceramente a todos os senhores a oportunidade que nos deram de participar deste encontro extraordinário. Também queremos felicitar os senhores pelo aniversário que estão atualmente comemorando.

A FELABAN é uma organização formada há trinta anos, que abrange todas as associações nacionais bancárias da América Latina, desde o México até o Sul, incluindo também uma representação cubana através do Banco Nacional de Cuba.

Nossos parceiros são as entidades nacionais que agrupam bancos nos diferentes países da América Latina e indiretamente temos todos os bancos latino-americanos representada por mais de novecentos bancos que hoje em dia participam de nossos afazeres diretamente através destas atividades nacionais.

Estes trinta anos permitiram a FELABAN estreitar laços entre bancos na América Latina em um processo que foi, obviamente, dinamizando-se nos últimos anos e que no futuro, creio, apresentará enormes desafios e possibilidades que estamos tentando facilitar e levar adiante na FELABAN.

O trabalho tradicional da FELABAN expressou-se, basicamente, através de diferentes conferências e congressos que tradicionalmente cobriram os temas mais importantes para os afazeres diários dos bancos. Assim, temos realizado, com muito êxito, o congresso de tecnologia, congressos de comércio exterior, congressos jurídicos, onde são analisados os diferentes temas de interesse para os trabalhos dos bancos.

Nos últimos anos, conscientes de que tem havido na América Latina um processo muito acentuado de privatização de sistemas financeiros após a grande crise da dívida externa, a atual diretoria da FELABAN tentou, além de continuar privilegiando nossas atividades adicionais, expressas nos diferentes congressos que mencionei, incentivar também as relações entre os acionistas de bancos da América Latina, conscientes de que o processo de integração econômica traduzido até o momento em um forte crescimento em tudo o que é a comercialização de bens, eventualmente irá traduzindo-se em uma cooperação cada dia mais estrita a nível financeiro. Economias em desenvolvimento em mercados globalizados requerem bancos com base de capital importante e temos percebido que, sobretudo nos dois últimos anos houve também um processo acelerado de incorporação de bancos de um lugar para outro na América Latina.

Desse ponto de vista, na FELABAN, tanto a atual quanto a anterior diretoria tentaram privilegiar estes encontros de acionistas e este ano em Nova Iorque, pela primeira vez, reunimos um grupo de setenta dos principais acionistas dos bancos privados latino-americanos, do México até a Argentina, que resultou extraordinariamente positivo quanto às possibilidades de conhecimento e de futuras gestões de negócios. Isso a respeito do trabalho em relação com os acionistas que, repito, na atual situação da América Latina, na qual, além do processo de integração pela via de intercâmbio de bens e serviços, presenciamos enorme e explosivo desenvolvimento dos investimentos conjuntos, investimentos de um país para outro. O caso do Chile foi um caso muito notável

nos últimos três ou quatro anos e consideramos muito importante esta vinculação de acionistas.

Paralelamente a isso, esta diretoria e a anterior iniciamos contatos com todos os supervisores e reguladores do sistema financeiro latino-americano, conscientes de que este processo de integração financeira futura requer uniformizar critérios quanto à aplicação de normas de supervisão como, por exemplo a incorporação de todas as regras de Basileia quanto a capitais mínimos, adequações, etc.

Também a necessidade de ir uniformizando regras referentes a, por exemplo, normas contábeis, na medida em que as compras de bancos por parte de bancos da região implicam consolidações e a necessidade de ir uniformizando todas estas normas contábeis.

Em definitivo, para evitar iniquidades na concorrência através, na medida do possível, como manifestei, de maior uniformidade das normas que nos regulam em um negócio extremamente regulado como o setor financeiro.

Estes contatos com o Comitê que envolve todas os superintendentes e reguladores de bancos na América Latina foram iniciados há dois ou três anos e temos adquirido uma dinâmica muito ativa e temos incorporado temas a nossos afazeres e a nossas conversações na última reunião que realizamos em Miami; por exemplo, temos incorporado o tema dos instrumentos derivados, tema que foi objeto de grandes considerações face alguns erros monumentais cometidos em alguns mercados nos últimos anos.

Tomamos a iniciativa de conversar com os reguladores porque estes produtos, em definitivo, estão incorporando-se a nossos afazeres de negócios diários em benefício da globalização e da internacionalização dos mercados frente a todos os altibaixos de tipos de juros, tipos de câmbio, etc., mas além de falar com nossos reguladores sobre os desenvolvimentos comerciais no tema dos instrumentos derivados.

Temos proposto, também, a necessidade de supervisionar e uniformizar critérios quanto à aplicação das medidas de proteção e supervisão destes novos instrumentos.

Privilegiamos enormemente o contato com nossos reguladores na América Latina e é um tema que na diretoria da FELABAN, no futuro, será objeto do maior interesse de maneira a ir abarcando outros temas. Temos uma próxima reunião programada, na qual trataremos o assunto das auditorias externas.

Hoje em dia no negócio financeiro, além da supervisão do Estado, especialmente em mercados muito desregulados, está colocando-se, cada dia mais, mais ênfase na autoregulação por parte das diretorias e por parte dos executivos das instituições financeiras e também uma espécie de supervisão privada através, por exemplo, de empresas classificadoras de riscos que já estão

generalizando-se na América Latina e dos auditores externos. Ou seja que o trabalho tradicional do estado de supervisionar este negócio no qual estão comprometidos o crédito, a fé pública, seja complementando com outras instâncias como auditorias externas, empresas classificadoras, que de alguma forma logrem complementar o trabalho do Estado.

A vinculação com os senhores tem enorme importância para nós. As disposições que os senhores adotam em temas financeiros, obviamente o sistema financeiro da América Latina, são executadas e levadas adiante e desse ponto de vista a instância de poder participar com nossas observações é de enorme importância para o sistema financeiro da América Latina, e desejo agradecer em nome da FELABAN.

Na FELABAN temos começado também, neste ano, o estudo do impacto que têm os sistemas financeiros na integração do continente. Temos encomendado um estudo cujo perfil espero ter disponível no mês de novembro, ter uma espécie de esquema de estudos para o futuro no mês de dezembro, no qual analisaremos qual é o impacto no sistema financeiro no mercado de capitais da América Latina no processo de integração que os senhores levarão adiante ou que nossos países levam adiante e, sobretudo, com o objetivo fixado na reunião de Miami.

Queremos analisar, do ponto de vista do sistema financeiro que implica isto, face, além disso a uma realidade mundial, em que, além da desregulação de todo o comércio de bens, deveriam estar incluídos os serviços financeiros pela primeira vez nas reuniões do GATT. Queremos analisar este tema, seu impacto no sistema financeiro, as oportunidades, os riscos. Este estudo já foi iniciado e estava falando com o Secretário-Geral da possibilidade de ir complementando isto a futuro. Logo que este primeiro esboço ou perfil do estudo esteja disponível vamos conversá-lo, visando poder trabalhar em conjunto, no possível, neste assunto.

O ano 1995 encontra o sistema financeiro da América Latina, segundo minha opinião, em uma situação diferente da tradicional. Fazendo um pequeno resumo, o sistema financeiro tradicional basicamente fazia um trabalho de intermediação da poupança doméstica, das fontes de poupança aos usuários dessa economia de diferente natureza. Esses bancos tradicionais, que além disso tinham o controle dos meios de pagamento, foram evoluindo, seguindo uma tendência internacional, para outros negócios complementares do gênero financeiro tradicional, e hoje em dia vemos que, com diferentes graus de latitude, em todos os países da América Latina os bancos, além de cumprir seu desenvolvimento financeiro tradicional de intermediação da economia para o uso da poupança, hoje em dia está desenvolvendo ativamente outros negócios financeiros complementares ou de apoio a sua gestão de negócios tradicionais. E a vemos, seja diretamente, seja através de filiais ou através de sucursais, de consórcios financeiros dependendo das diferentes estruturas que cada um dos países se

deu para organizar o negócio financeiro, a vemo-la, insisto, manejando fundos mútuos, fazendo corretagens de bolsa, participando de negócios de "factoring", de negócios de securitização, em negócios de "leasing", em negócios de ciência financeira e em alguns países também com alternativas de investimento em setores não financeiros, que hoje em dia, obviamente, são a exceção.

Além disso, este sistema está concorrendo em mercados de capitais que foram desenvolvendo-se na medida em que o processo de desregulação avançou, em que a tecnologia também foi facilitando estes processos, em que a globalização dos mercados também a acentuou. Insisto, vemos também um sistema financeiro competindo com outros agentes que apareceram nos mercados de capitais e que trabalham ou competem diretamente conosco em nossos negócios tradicionais.

Não temos o monopólio do crédito, de maneira que neste aspecto presenciemos em diferentes partes da América Latina, com diferente ênfase, em função do desenvolvimento que tiveram os mercados de capitais, mas todos indo em uma sentido de muita competência e do que temos chamado o processo de desintermediação.

Nossa resposta, como sistema financeiro, foi em diferentes graus, que acreditamos na concorrência e que acreditamos na concorrência baseada na tecnologia, na qualidade de serviços, etc.. Nossa preocupação foi, nos diferentes países, evitar a geração de inequidades, na qual nossa concorrência com outros agentes que participam do mercado de capitais estivesse favorecida, para benefício dos outros agentes, através de normas que introduzam rigidezes ou iniquidades em nosso próprio trabalho competitivo. Nossa indústria, como manifestei, é muito regulada e temos custos importantes de informação e regulação, e quisemos que assim como temos estes custos de informação e regulação, estes custos também fossem transferidos para outros atores que competem conosco em nossa área tradicional de negócios.

Mas, em definitivo, como setor privado, nossa resposta foi: bem-vinda a concorrência baseada na tecnologia, na inovação, na qualidade de serviço, mas revisemos toda aquela parte das normas que introduzem iniquidades e assimetrias em nossa concorrência. Isto, para a FELABAN e para, obviamente, as entidades nacionais que agrupam bancos, foi e continuará sendo uma preocupação fundamental.

Mas, estamos imersos neste mundo da globalização e da concorrência nos próprios mercados de capitais, e há países nos quais a desintermediação na concorrência é muito aguda. Contudo, em geral, minha impressão, ao visitar diferentes sistemas nacionais, é que todos avançamos na mesma direção, em que há mercado de capitais cada dia mais desenvolvido, insisto, produto da desregulação do avanço da tecnologia. Além destes mercados domésticos desregulados, competitivos, estamos também introduzindo-nos, com mais ou menos avanço, dependendo de cada um dos

países, no mundo da globalização do comércio trans-fronteiriço de serviços financeiros, dos direitos de estabelecimento de bancos da região ou de fora da região, em cada um de nossos países. Creio que as velhas barreiras ou fronteiras creio que provavelmente passarão logo e veremos esta concorrência muito direta em cada um de nossos mercados.

Nossa resposta, insisto novamente, é ir abrindo o espaço para o sistema financeiro tradicional, para que assim como em nossos negócios tradicionais outros agentes do mercado de capitais estão competindo, possamos também ir abrindo novos espaços de negócios que nos permitam ir participando, não só para benefício do desenvolvimento de nossos respectivos mercados de capitais, senão também, dada a informação de que dispomos, que é basicamente o nosso, um negócio de manejo de informação, poder administrar essa informação e a administração de risco implícito em nossos ativos, para outras atividades dentro do mercado de capitais para ir dando a esse mercado de capitais o aprofundamento que o processo de poupança e investimento requer para o crescimento de nossas economias. De maneira que, como assinalo, de nosso negócio tradicional de intermediação temos ampliado os afazeres para outras atividades de tipo essencialmente financeiro de administração de risco financeiro, através de diferentes fórmulas que a estrutura jurídica de cada um dos países e a cultura de regulação e de supervisão permitiram. Considero que esta realidade irá acentuando-se no futuro.

De outro ponto de vista e dadas as características dessa intermediação e concorrência, de redução de margens de negócios, etc., temos enfatizado, como sistema financeiro, todo o tema dos custos. Felizmente, a tecnologia nos permitiu dar saltos gigantes em matéria de redução de custos e de serviços a nossos clientes e, desta maneira, temos protegido nossas margens em um sistema que, em definitivo, tende, através da concorrência dos mercados de capitais a diminuí-los. Nossa resposta tem sido a capacitação, a redução de custos através de tecnologia, etc., Obviamente, para nossas atividades continua sendo uma responsabilidade muito importante de cada dia.

Acreditamos na desregulação, mas também acreditamos que estes mercados requerem um grau de supervisão e temos enfatizado, desse ponto de vista, na necessidade de contar com instrumentos de supervisão modernos, eficientes. Se vamos ser supervisionados queremos ter a melhor e mais profissional das supervisões. Desse ponto de vista, em diferentes países constatei grande preocupação por contar com níveis de supervisão profissionais muito avançados; e em todos os lugares têm alguns sistemas de supervisão que financiam os bancos locais e outros que financiam diretamente o Estado. Mas, em todos os lugares notei preocupação desse ponto de vista. O tema dos custos, o tema da supervisão, o tema da informação ao público.

A América Latina presenciou na época dos anos 80 grandes crises bancárias. Em parte, na minha opinião, atribuíveis ao enorme impacto que o problema da dívida externa ocasionou em cada um de nossos países. Há uma parte muito importante dos problemas patrimoniais e financeiros dos bancos latino-americanos que, segundo minha opinião, são atribuíveis diretamente ao brutal impacto que teve o problema da dívida externa na região; houve ajustamento de produtos muito sérios e, obviamente, o sistema financeiro, que reflete o nível de atividade e a bonança ou prosperidade ou não prosperidade dos diferentes agentes econômicos, traduziu-se, obviamente, em crise em nosso setor.

Mas também considero que houve problemas de manejo, de deficiências em supervisão, de deficiências nas leis que regiam o negócio financeiro que felizmente, e é um pouco minha impressão, foram ou estão em processo de ser corrigidas. Todas ou a maior parte das legislações bancárias da América Latina recolheram as experiências desta crise bancária dos anos 80 e foram incorporando algumas medidas que recolheram da experiência da crise, créditos a pessoas vinculadas com a propriedade ou com a direção foram substancialmente diminuídos em toda a região, informação ao público para evitar, na medida do possível, as responsabilidades do Estado face aos depositantes, à necessidade de que o depositante dos bancos contasse com a informação oportuna, regular e suficiente, para ir tomando suas próprias decisões quanto às instituições às quais confia suas economias. Informação básica, necessidade de que os sistemas informem o público de uma maneira periódica, diligente e o mais amplo possível de quais são seus estados patrimoniais, financeiros, índices de riscos, etc. Isso está incorporado e é, obviamente, um processo permanente de aperfeiçoamento, está incorporado tanto à legislação quanto às atividades, à prática e aos costumes de nossas diferentes legislações. Também é muito importante melhorar o nível de supervisão.

De maneira que em nosso sistema financeiro, após as experiências traumáticas dos anos 80, hoje em dia nos encontramos com uns bancos essencialmente nas mãos privadas. Como consequência da crise houve intervenção de bancos; em muitos casos estas decisões, etc., desse processo, a meu ver, foram revertendo-se e basicamente, hoje em dia, encontramos, em toda a América Latina, os bancos em mãos privadas, com uma legislação que, como manifestei, foi corrigida e tem considerado aquelas deficiências que de alguma maneira provocaram alguns destes problemas, com melhoras na supervisão, com processos permanentes na capacitação. Nossos bancos foram profissionalizando-se cada dia mais, nosso pessoal provém de universidades ou de centros técnicos superiores; as percentagens estão em aumento. Em cada um dos sistemas nacionais de bancos há institutos que oferecem permanente capacitação, onde, obviamente, estamos capacitando nosso pessoal nas novas atividades que temos desenvolvido e temos gerado.

Temos vivido com os temas da supervisão e consideramos que nas diferentes instituições temos desenvolvido uma cultura bancária através de manejos profissionais independentes, que é um grande ativo e que devemos que continuar favorecendo para o futuro.

Nossa realidade atual -também de alguma forma já assinaléi- é que estamos em um mundo que foi globalizando-se, mercados de capitais que foram desenvolvendo-se, em alguns casos muito explosivamente. Hoje em dia, no meu próprio país, por exemplo, após doze ou quatorze anos de mudanças muito importantes na legislação de mercado de capitais, para que os senhores tenham uma idéia, temos um sistema financeiro com ativos de aproximadamente cinquenta e cinco bilhões de dólares, mas estamos competindo com fundos de pensões que manejam aproximadamente vinte e sete bilhões de dólares e que para nós é uma concorrência importante no financiamento das empresas que hoje em dia concorrem, mediante emissão de bônus que compram estes fundos de pensões, que para nós, obviamente, são uma concorrência direta no mercado de capital.

Também estamos competindo com companhias de seguros que administram quase sete bilhões de dólares e, finalmente, com uma Bolsa de Comércio que hoje tem uma valorização de mercado de mais de uma vez o produto, de sessenta bilhões de dólares. Tudo isso como exemplo sobre o tema da globalização. Paralelamente a isso, com um mercado externo muito complementar. Ao ir melhorando o país a classificação de risco, foi obviamente investimento direto de médio e longo prazo em cifras muito importante, e ultimamente temos visto muitíssimas empresas chilenas que foram colocando ADR nos mercados de Nova Iorque, que também são fonte de concorrência direta aos sistemas financeiros tradicionais. Sou diretor de duas empresas que colocaram ADR e nossa primeira gestão, após obter os recursos, foi cancelar créditos com os bancos. De maneira que é uma pequena demonstração do que estou falando e obviamente em todos os países da América Latina na em maior ou menor grau e à medida que os mercados de capitais se desenvolvem isto irá acontecendo.

Então, como dizia, a nossa resposta deve ser que acreditamos na concorrência, acreditamos na inovação, a tecnologia nos ajuda, temos quadros profissionais competentes e nossa ênfase deve estar basicamente dirigida a conversar com as diferentes autoridades sobre a ampliação de nosso giro de maneira a criar, para cada um de nossos países, um mercado de capitais cada dia mais profundo, cada dia mais diversificado, cada dia mais líquido, cada dia melhor informados e desta maneira facilitar o processo de poupança-investimento. Mercado de capitais ineficientes, no passado foi vivido em cada um de nossos países, gera ou distorce o processo de investimento ou uma alocação ineficiente de recursos ou diretamente fuga de capitais, que todos vivemos no passado. De maneira que creio que esta é uma das reformas mais importantes desenvolvidas em todos nossos países, porque é o coração de todo o processo de desenvolvimento econô-

mico: a correta utilização da poupança doméstica e internacional nos processos de investimento.

Paralelamente a isso a região se viu, nos últimos anos - farei abstração por um momento da situação que se viveu entre fins do ano passado e os primeiros meses deste ano- na região uma maior integração financeira com o exterior. Passado o efeito traumático da dívida externa, fomos recuperando credibilidade com os centros financeiros internacionais, produto mais que nada das profundas reformas econômicas que temos desenvolvido nos diferentes países. Isto nos deu credibilidade e nos retornou aos mercados de capitais como sujeitos de créditos.

Este fenômeno, que foi traduzindo-se em linhas de crédito, tanto para o comércio exterior quanto para o de caráter financeiro, a possibilidade de colocação de bônus, a possibilidade de colocação de ações em diferentes mercados, o investimento direto ou através de fundos, sejam fundos gerais do país ou fundos especializados que foram gerando-se nos mercados de capitais, repito, após transcorridos alguns anos da crises da dívida externa, ao gerar esta maior credibilidade, foi diversificando toda esta outra fonte de financiamento de capital de risco, de capital financeiro a curto prazo, médio prazo, longo prazo, através de diferentes instrumentos que fomos conhecendo, em grande parte, como dizia, motivado pela profundidade, seriedade dos processos de reforma econômica que temos levado a cabo, o próprio aperfeiçoamento dos mercados de capitais, a melhor regulação, a melhor supervisão, a correção daqueles erros que assinaléi anteriormente, o desenvolvimento de uma maior cultura, profissionalização dos mercados de capitais de nossos diferentes países.

Tudo isso foi gerando maior grau de credibilidade que foi, obviamente, traduzindo-se em maiores fluxos para a região. Estes maiores fluxos para a região, a meu ver, são absolutamente complementares, ou devem ser absolutamente complementares de nosso próprio esforço de poupança, que deve ser um elemento complementar, mas a necessidade está presente -creio que a crise mexicana o refletiu- a necessidade de contar com uma base de poupança doméstica importante. Isso novamente nos traz para o tema dos mercados de capitais.

Um país como o Chile, segundo meu parecer, ficou alheio à situação mexicana exclusivamente porque tem uma base de poupança doméstica muito importante, quase vinte e seis por cento do produto. Isso nos torna absolutamente suficientes quanto a nossas necessidades de financiamento e, portanto, pudemos abstrair-nos, salvo alguns pequenos efeitos que houve no mercado acionário, creio que nada mais que por a sobre-reação de investidores institucionais americanos. Insisto, esta base de poupança foi a que nos permitiu de alguma forma abstrair-nos dessa situação.

Na minha opinião, é uma das grandes tarefas pendentes na América Latina, sem prejuízo de enfatizar na necessidade de transformar-nos em agentes ou sujeitos de crédito, seja de crédito financeiro de investimento, a curto ou longo prazos são absolutamente necessários e esta é uma das grandes tarefas pendentes, segundo minha opinião: enfatizar na necessidade de uma maior poupança doméstica. Isso nos faz voltar novamente aos mercados de capitais. A poupança doméstica pode ser tanto pública como privada. Percebo que em todas nossas economias já temos uma cultura que foi gerando-se, uma opinião pública que foi formando-se sobre a necessidade de contar com políticas fiscais austeras, que foi privilegiando-se e, hoje em dia, creio que há um conhecimento público da necessidade de ter políticas macroeconômicas adequadas que gerem estabilidade e confiança na economia. Mas, também creio que faltam algumas reformas estruturais para privilegiar a economia privada que sempre é mais difícil por estar dispersa, que privilegiar a economia pública, que em definitivo é um agente que através de sua política pode gerar mais ou menos economia.

No setor privado, as situações se manejam de outra forma, portanto, há necessidade, segundo minha opinião, de ir privilegiando e maximizando a economia nacional privada através de sistemas tributários que incentivem fortemente o reinvestimento e que vão tributar para parte do consumo e que vão permitir o reinvestimento por parte das empresas; que a poupança forçosa dos sistemas de segurança nacional seja manejado com maior eficiência e que se evitem todos os desequilíbrios e problemas que geraram no passado, não só para os próprios beneficiários destes sistemas de previdência social senão também para benefício das finanças públicas e dos equilíbrios macroeconômicos. Portanto, creio que o tema do mercado de capitais é muito importante para a América Latina porque aí está a possibilidade de gerar a poupança doméstica, de gerar uma correta alocação de recursos, de evitar ineficiências, de evitar os problemas de fuga de capitais que tivemos no passado.

Desse ponto de vista, há um trabalho que é permanente, de ir melhorando, aperfeiçoando, estes mercados, evitando sobressaltos que impliquem desconfiança, fugas de capitais, etc.

Também está o tema da globalização e da integração em nível da América Latina e com isto desejaria terminar estas breves palavras.

Nós, na FELABAN, percebemos o processo de integração da América Latina como um processo irreversível. Após muitos anos, nos quais o crescimento de nossas economias estavam basicamente vinculado com o destino do mundo desenvolvido e que nossas estruturas econômicas obedeciam praticamente às necessidades e à integração com essas economias, em parte com os processos de integração que os senhores alentam, em parte, acreditamos, também pela crise da dívida externa, que fez com que os fluxos de fora da área diminuíssem substancialmente e que os fluxos que

víamos em seu momento eram as reestruturas involuntárias ou os créditos involuntários, isso fez com que o financiamento -nisso a ALADI tem uma responsabilidade muito importante no êxito alcançado- entre países da América Latina se acentuasse. Isso, obviamente, facilitou também a colocação de nosso produto.

Por exemplo, no caso chileno, que, obviamente, conheço mais, as exportações industriais para a América Latina creio que em grande parte foram motivadas pelo efeito financeiro da ALADI, que facilitou enormemente, em um momento no qual não havia financiamento do exterior, a penetração de produtos industriais chilenos na área, motivou nossos empresários a trabalhar com eficiência nessa área e gerou um impacto que creio que é absolutamente precedouro e que estará aí.

De maneira que a integração financeira da América Latina é uma realidade que também nós contemplamos, processo de integração econômica que estará necessariamente seguido por um processo de integração financeira. Os bancos normalmente acompanham suas empresas em seus atividades tanto de exportação e de importação quanto de suas atividades de investimento. E assim tem sido a experiência a nível internacional.

De maneira que para nós este processo de integração que veio desenvolvendo-se com tanto êxito, as cifras que assinalava o Senhor Secretário-Geral, que são bastante espectaculares, do comércio recíproco de bens, creio que deve ser seguido de um processo de integração financeira que, hoje em dia, está dando-se de diferente forma, não é verdade? Não só através dos financiamentos de nossos sistemas financeiros se outorgam reciprocamente, basicamente para o comércio exterior creio que ainda os créditos financeiros estão em uma etapa muito primitiva de seu desenvolvimento, o crédito financeiro estritamente.

Também estão os processos que se percebem hoje em dia de integração e de "joint ventures". Já há casos de bancos colombianos com investimentos na Venezuela, há presença de bancos brasileiros importantes na América Latina, há investimentos não de bancos chilenos, lamentavelmente, mas de proprietários de bancos chilenos no Peru e espero depois na Argentina e em alguns outros países e esta é uma tendência que vai continuar. A BRANA-MEX do México está presente na Argentina e esteve estudando investimentos em outros países. Creio que da mesma forma que as empresas industriais de nosso Continente, que as vemos ativamente em processos de associação ou em processo de investimento direto em um mercado que se globaliza e se integra, o sistema financeiro necessariamente vai continuar. Então, aí se apresentam temas muito interessantes, tema do direito do estabelecimento, da nação mais favorecida, o comércio trans-fronteiriço financeiro são temas que hoje em dia estão desenvolvendo-se a nível internacional. Vimos que ainda na última Rodada Uruguai do GATT, em definitivo, houve um acordo para começar a dismantelar todas as barreiras no tema dos serviços financeiros, mas até o presente não houve resultados concretos.

Creio que na América Latina estes temas irão aparecendo e considero que devemos ir estudando-os conjuntamente e na FELABAN iniciamos um estudo que esperamos complementar com os senhores, nos próximos meses, para ver qual o impacto que tem a integração, a desregulação, não só a nível da América Latina senão mundial no tema dos serviços financeiros, como assinalai, casos como o direito ao estabelecimento de um banco em outro país através da abertura de sucursais subsidiárias. Este é um tema que não está absolutamente considerado nem discutido, o tema do comércio trans-fronteiriço de serviços financeiros com tudo o que isto significa.

Bem, estudaremos seriamente estes temas nos próximos meses e é um tema permanente porque, obviamente, a própria experiência internacional indica, salvo na Europa, que este assunto ainda está em suas etapas mais primárias de desenvolvimento.

Queria, nesta oportunidade, dar aos senhores uma visão muito sumária do que, segundo minha opinião, está acontecendo no sistema financeiro latino-americano; como temos emergido e saído da crise muito forte que tivemos nos anos 80 e que ainda hoje em dia têm em alguns países manifestações relativamente importantes, mas obviamente de menos magnitude do que a que tiveram na época dos 80.

Tentei relatar-lhes um pouco minha impressão quanto aos avanços que houve no tema legislativo dos bancos, resolvendo os velhos problemas que em seu momento geraram parte dos problemas, os avanços que houve para ampliar nosso negócio tradicional de intermediação para outros campos que, sendo financeiros, estão um pouco alheios ao próprio coração da intermediação tradicional do sistema bancário. O tema da supervisão da necessidade de contar com uma supervisão moderna em mercados que estão desregulando-se. Mencionei o processo de desintermediação ou concorrência que em alguns casos como o chileno, muito agudo e muito forte e nossa resposta de bem-vinda concorrência venha a inovação, mas eliminemos todas aquelas iniquidades e assimetrias que fazem com que nosso afã competitivo não seja provavelmente perfeito.

Finalmente, o tema da globalização dos mercados que, obviamente, em nível internacional, hoje em dia, é uma realidade mas que na América Latina está começando. Tivemos um contato financeiro provavelmente estreito no que é o financiamento do comércio exterior que os senhores conhecem muito bem. Mas ainda há enormes possibilidades de integração dos diferentes sistemas financeiros, em financiamento de investimento, em financiamento de capital de longo prazo, o crédito financeiro em "joint venture", em correspondências, em ir confiando, talvez, em bancos regionais, trabalho que hoje em dia contratamos e con

fiamos a bancos de fora da região, no tema da capitalização que para nós é muito importante, no tema da incorporação de tecnologia e finalmente em ter normas que harmonizem e permitam esta integração.

Quero agradecer aos senhores novamente a oportunidade que nos deram a Sebastião Cunha e a mim de participar desta reunião e esperamos que nos próximos meses tenhamos uma cooperação muito estreita nos temas em que nos privilegiaram com a aceitação. Muito obrigado.

- Aplausos.

PRESIDENTE. Agradecemos muito ao Doutor Hernán Sommerville, Presidente da FELABAN, sua brilhante exposição, tão ampla, tão detalhada, com tanta precisão em aspectos de vital interesse para nós, os Representantes junto à ALADI, e às pessoas que nos acompanham.

Antes de encerrar a sessão quero convidar todos os presentes para um brinde que será oferecido no final desta reunião.

Muito obrigado a todos por sua assistência. Encerra-se a sessão.
